



Este, o conjunto das contribuições que a revista do ITESC oferece para a reflexão dos nossos/as agentes de pastoral e nossas comunidades, neste quase final do último ano de preparação para o Grande Jubileu. *Tempus fugit*, diziam os latinos, “o tempo foge”. Envolvidos como estamos nas tarefas diárias, talvez rotineiras, será que nos temos dado conta desta extraordinária oportunidade que está sendo, que foi, o triênio de preparação, ou seja, aqui no Brasil, o *Projeto Rumo ao Novo Milênio*? Será que esta preparação está sendo intensa, consciente, responsável? Que passos concretos estamos dando para uma verdadeira *Reconciliação*, que brote do amor de filhos/as amados/as do mesmo Pai, que se reconhecem, de fato, irmãos e irmãs? O Pai, que é *Amor*, ensine-nos, através do Filho, e pelo Dom do seu Espírito, a amar. Não apenas de palavras mas em verdade (cf 1Jo 3,18), como Ele nos amou e nos ama.

A DIREÇÃO

“Uma análise sobre as relações entre quem está na Cultura - o Pai, o Professor, o Sacerdote - e quem procura meter-se nela - o Filho, o Aluno, o Crente -, essas relações, no decorrer dos tempos estão marcadas pelo poder do “pater”... Acostumados que estamos à parábola evangélica, que narra a volta do filho, o autor insinua que mais ainda estamos, e assim o está a cultura moderna, por demais necessitados da volta do Pai.”

A volta do Pai

Pródigo

Peça em três atos, um prólogo e um epílogo

Celestino Sachet

Doutor em Educação, professor de Filosofia da Educação na UDESC e Escritor.



*“É bom guardar o segredo do rei,
mas as obras de Deus devem
ser reveladas”. (Tb 12, 11).*

Prólogo

Nesses três finais - década, século, milênio - finais de um tempo moderno assinalado por globalismos e aniquilações, vide OTAN e Iugoslávia, nós, os sobreviventes, descobrimos que a nossa convivência com as realidades da Cultura está mergulhada no grande mar da informação-zero e do grande deserto formação-identidade.

Parece não haver dúvidas, pelo menos para o autor destas linhas, que a Família, a Escola, a Igreja são as três entidades que nos imergem nos hábitos e nos valores da Cultura e da História.

Uma análise sobre as relações entre quem está na Cultura - o Pai, o Professor, o Sacerdote - e quem procura meter-se nela - o Filho, o Aluno, o Crente -, essas relações, no decorrer dos tempos estão marcadas pelo poder do “pater” que se mostra satisfeito com a sua obra mas que também explode em maldições, reprovações, excomunhões.

Primeiro ato. A bênção

Primeiros tempos da História

No princípio, Javé descobre que o Nada é um acontecimento inadequado para o plano que está no desejo e decide criar o Céu e a Terra para que o caos se transforme em cosmos.

Atualizado o desejo em obra, Javé conclui que a Terra se apresenta sem identidade porque ela não está marcada por uma forma específica, e até continua sem qualquer recheio para distingui-la do Céu.

Pela segunda vez, o Criador age sobre a criatura e faz surgir a luz que arranca os abismos das trevas.

Extasiado sobre o novo acontecimento, Javé contempla a criatura e se dá conta de que Ele acaba de gerar a obra que correspondia à finalidade para a qual havia sido criada.



A seguir, um acontecimento após o outro, Javé inaugura uma nova ordem: separa a luz das trevas; manda que haja o firmamento e que aconteçam o dia e a noite, a terra e o mar, a relva e as árvores frutíferas, o sol e as estrelas, as aves e os peixes, os répteis e os animais.

Todo o processo está impregnado por uma profunda harmonia entre a ordem e o resultado, entre o desejo e a obra.

Depois de realizar cada um de seus desejos, “viu Deus que isso era bom”.

A manifestação é repetida sete vezes, segundo o escrito de Moisés.

Mas o Bem não atingiu a Plenitude. Falta a presença de uma criatura capaz de auxiliar Javé no processo de individualização de cada uma das obras, já que todos os seres vivos estão sem nome.

Javé é rigoroso consigo mesmo e por isso busca ter a seu lado um parceiro capaz de continuar o processo de Criação que Ele apenas havia iniciado.

Por isso, Ele toma uma porção de terra, sopra sobre ela ... e o húmus fez-se homem.

De imediato, a criatura torna-se criador. Cumprindo ordens de Javé, todos os seres vivos desfilam diante do Húmus para que este lhes atribua um nome.

E o nome que o Húmus-Pai ia dando a todo ser vivente, esse era o nome de cada um dos seres vivos.

A partir do nome individualizador, instala-se a Grande Harmonia e a Grande Bênção dentro do primeiro grupo, pois Javé permite que o “filius” seja a extensão do “pater”.

Tem razão Machado de Assis, quando jura que o “menino é o pai do homem”.

Segundo ato. A maldição

“No meio das tabas de amenos verdores / cercadas de troncos cobertos de flores / alteiam-se os tetos d’altiva nação”. (Gonçalves Dias, “Y-



Juca-Pirama”, “aquele que deve morrer”).

Este é o mundo dos timbiras, índios valentes que assombram as matas do Atlântico Sul, séculos antes da chegada do colonizador europeu.

Termina mais uma guerra, desta vez contra os tupis.

Os timbiras retornam do conflito trazendo como prisioneiro um jovem da tribo destroçada.

Seguindo a tradição, os vencedores preparam um festival de antropofagia. Tudo está preparado para a comilança.

Antes da cerimônia do banquete final, o prisioneiro é convidado a travar um duelo contra um de seus algozes, claro que o mais valente de todos. Se vencer, com a morte daquele que o enfrenta, o prisioneiro adquire a liberdade e, com muita honra, tem permissão para integrar-se na nova tribo, como se a ela sempre tivesse pertencido. Mas também pode retornar à sua tribo.

Vai começar a luta. Mas Y-Juca-Pirama, em lágrimas, pede que o soltem para que ele possa cuidar do pai, velho e cego, o único sobrevivente da tribo derrotada.

O jovem prisioneiro, visto como covarde, é solto.

- Tu choraste! ... parte, não queremos com a carne vil de um tupi enfraquecer os fortes timbiras!

O prisioneiro e o pai reencontram-se. Mas o velho descobre que o filho pedira misericórdia ao inimigo.

- “Tu choraste em presença da morte? Não descende o covarde do forte; / Pois choraste, meu filho não és!”

E lança-lhe a feroz maldição de um tigre enfurecido.

Na concepção do velho cacique tupi, o filho encarnava ao mesmo tempo o Pai e a História de sua tribo. A Y-Juca-Pirama, garantia para a sobrevivência de uma cultura, cabia-lhe enfrentar e vencer o inimigo.

Ao negociar a vida, mesmo para salvar o Pai, a desobediência do filho havia traído os tupis de todos os tempos.



Terceiro ato. A Paternização

Primeiros tempos da Nova História

O computador e a batata frita tornaram-se as duas criaturas de maior prestígio nesta passagem do milênio.

Línguas mágicas e comportamentos exotéricos apenas são inteligíveis para os iniciados de um sem número de paraísos e de tribos que se identificam pelo brinco da orelha esquerda ou pela tatuagem no braço direito.

E o cristão - e os outros também -, que não esteja marcado por qualquer sinal do tipo www.xpto.com.br, ou que ainda não tenha adquirido o hábito de jogar meia caixinha de batata frita, mole e fria nas caixas de lixo das “praças de alimentação”, esse cristão (e os outros também), ele mesmo se considera um bicho raro do paraíso de Javé ou da tribo do Y-Juca-Pirama.

Nada contra as praças de alimentação, contra o computador ou a batata frita. Antes, pelo contrário, louvemos o Senhor pela exuberância de tudo isso, nesta época de ovelhas clonadas, de leites que geram vacas e de empregos ... sumidos.

Mas, agora é que o pepino cresceu dentro da garrafa.

O globalizar-se e o forrar-se, cada vez com mais técnicas e virtualidades, estão produzindo o “pensar menos” e o “sentir-se ninguém”.

A Família, a Escola e a Igreja parecem ter perdido a sua individualidade, a sua “trade mark” (“marca registrada”, para dizê-lo em português) e negociam a sobrevivência com os modos da moda.

A carnavalização do sagrado, do conceito e do conhecimento enchem os templos e as lojas para a venda de qualquer coisa neurotizada pela mídia. Mas essa mesma carnavalização esvazia o coração daquele que pensa e que se recusa a ser mais um na boiada.

Javé abençoa, porque todas as suas criaturas eram uma nítida e clara resposta ao seu desejo; o velho índio tupi maldiz o filho, porque ele negou a tribo valente na qual havia sido gerado.



O Pai, o Professor, o Sacerdote dos nossos tempos modernos não abençoam e nem maldizem comportamentos.

Na teoria da globalização, a tese e a antítese não geram a síntese. As duas multiplicam as teses. Ou seria a multiplicação das antíteses? E daí, a multiplicação da mesma família - a tua, a minha e a nossa, por enquanto -; fragmentam-se as escolas e as novas igrejas crescem como cogumelos em paus apodrecidos.

Enquanto isso, o Húmus, Y-Juca-Pirama, os "filhos" todos, estamos sem modelos, sem identidade, sem nome, à espera de uma Ordem que nos mande desfilar para recebermos de volta o Eu-diferente-do-Outro.

Essa nova ordem deve emanar daquele que se mete na frente. O Pai que chegou antes do Filho, para ocupar um espaço no respectivo grupo.

É preciso que aconteça a volta do Pai Pródigo. Um pai capaz de abençoar como Javé e corajoso para amaldiçoar, como o velho índio tupi.

Epílogo

Nem só de bênçãos ou de maldizeres vive o Pai

Javé abençoa as criaturas do Paraíso mas explode em impropérios - como qualquer um de nós - quando o Húmus nega a origem.

O Homem e a Mulher são expulsos do Paraíso mas conservam a Aliança com Javé e por isso continuam a obra da criação.

O velho índio tupi amaldiçoa o filho. Mas em continuação pega-o pela orelha e o devolve aos timbiras.

Y-Juca-Pirama enfrenta o duelo, vence a luta, é aplaudido pelo inimigo.

- Este sim é que é meu filho!

Endereço do Autor:
Rua Alves de Brito 447 - Apto. 801
88015-440 Florianópolis - SC

"O artigo desenvolve os seguintes itens: 1) a origem e o significado do mal na Bíblia, onde se constatará que não há nas Escrituras uma doutrina sistemática sobre o mal, mas simplesmente reflexões sapienciais, que necessitam ser interpretadas devidamente para o nosso tempo e linguagem; 2) a relação entre liberdade e sofrimento, onde se perceberá que a liberdade humana, na forma de livre arbítrio, tem grande responsabilidade na origem do mal; 3), enfim, a relação entre Deus-Pai e o mal, onde se estudará a responsabilidade de Deus na origem do mal, bem como o seu empenho no combate e na vitória sobre o mal."

Deus Pai e o Sofrimento do Mundo

Pe. Vitor Galdino Feller

Doutor em Teologia, professor do Instituto Teológico de Santa Catarina, pároco de Nossa Senhora da Boa Viagem, Florianópolis - SC